

As relações sexuais em tempos de vírus da zika

A ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde assinala no primeiro relatório deste ano a ausência de novos casos de microcefalia provocados por transmissão sexual do vírus da zika e possivelmente relacionados à infecção assintomática (o parceiro desconhece estar infectado).

O relatório cita 13 casos de transmissão do vírus de pessoa a pessoa, cinco deles nas Américas. A preocupação

com essa forma de transmissão tem motivo. A epidemia global de Aids também começou com poucos casos.

Editorial do “New England Journal of Medicine” de dezembro lembra que, além do necessário controle do mosquito na prevenção da doença, há necessidade de evitar a transmissão sexual do vírus e reduzir o número de gestações indesejadas.

Na revista “Human Reproduction”, o professor Luis Bahamondes e colaboradores da **Unicamp** mostram que a venda de anticoncepcionais em nosso meio não mostrou alterações significativas antes ou durante a epidemia do vírus da zika, assim como a referência aos casos de microcefalia e distúrbios neurológicos.

Segundo Bahamondes, de 22 milhões de mulheres que

necessitam de métodos para evitar a gravidez indesejada, cerca de 90% delas usam contraceptivos pouco efetivos.

Em consequência, há alto índice de gravidez não planejada no Brasil. A estimativa é de cerca de 55% de todas as gestações. Há associação também com o alto índice de venda das pílulas anticoncepcionais de emergência (1 a 1,3 milhão/mês).